

PERCEPÇÕES DE GÊNERO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

GENDER PERCEPTIONS IN PHYSICAL EDUCATION CLASSES

PERCEPCIONES DE GÉNERO EN LAS CLASES DE EDUCACIÓN FÍSICA

William Pereira dos Santos Junior¹
Paulo Henrique de Queiroz Nogueira²

RESUMO

O artigo é resultado de uma pesquisa realizada em um curso de especialização em que se pesquisou adolescentes de Ensino Médio de uma escola pública estadual. Foram entrevistados dez estudantes, meninos e meninas, sobre como se dão as suas vivências na escola e sua participação nas aulas de Educação Física em sua interface com as dinâmicas interpostas pelas relações do sistema sexo-gênero. As respostas foram analisadas a partir das contribuições foucaultianas da análise do discurso em que foram encontrados os efeitos de como as normas de gênero atravessam as relações de gênero e sexualidade no cotidiano das aulas de educação física. Sugere-se, portanto, que a escola, especialmente os professores da disciplina, venham a desenvolver programas e projetos que combatam as desigualdades e os preconceitos ao promoverem relações de gênero e sexualidade mais simétricas e equânimes.

Palavras-chave: educação física escolar; relações de gênero e sexualidade; disciplinarização dos corpos.

Abstract

This article is the result of research conducted in a specialization course that included high school adolescents from a state public school. Ten students, both boys and girls, were interviewed about their experiences at school and their participation in Physical Education classes, as they interact with the dynamics interposed by the sex-gender system. The responses were analyzed based on Foucault's discourse analysis, which revealed the effects of how gender norms permeate gender and sexuality relations in the daily routine of Physical Education classes. Therefore, it is suggested that schools, especially teachers of the subject, develop programs and projects that combat inequalities and prejudices by promoting more symmetrical and equitable gender and sexuality relations.

Keywords: school physical education, gender relations and sexuality; disciplining of bodies

Resumen

Este artículo es el resultado de una investigación realizada en un curso de especialización con adolescentes de secundaria de una escuela pública estatal. Se entrevistó a diez estudiantes, tanto hombres como mujeres, sobre sus experiencias escolares y su participación en las clases de Educación Física, en su interacción con las dinámicas del sistema sexo-género. Las respuestas se analizaron con base en el análisis del discurso de Foucault, que reveló los efectos de cómo las normas de género permean las relaciones de género y sexualidad en la rutina diaria de las clases de Educación Física. Por lo tanto, se sugiere que las escuelas, especialmente el profesorado de la materia, desarrollen programas y proyectos que combatan las desigualdades y los prejuicios, promoviendo

¹ Licenciado em Educação Física pela Estácio, especialista em Educação Física Escolar pela UFMG, professor da Rede Estadual de Ensino de Minas Gerais como professor de Educação Física. E-mail: Wjpaiva06@gmail.com

² Licenciado em Filosofia pela UECE, mestre e doutor em Educação pela Faculdade de Educação da UFMG em que dá aula de Filosofia da Educação, professor do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação: Mestrado Profissional em Educação e Docência/PROMESTRE, orientando pesquisas em diversidade sexual e de gênero. E-mail: pauloqn@yahoo.com.br

relaciones de género y sexualidad más simétricas y equitativas.

Palabras clave: educación física escolar, relaciones de género y sexualidad; disciplinamiento de los cuerpos.

Introdução

O artigo em tela é fruto de uma trajetória de pesquisa no curso Pós-Graduação *Lato Sensu* em nível de Especialização em Educação Física Escolar do Centro Pedagógico e do Colégio Técnico da Universidade Federal de Minas Gerais.

A investigação foi realizada com alunos e alunas participantes das aulas de Educação Física em uma escola estadual de um município da Região Metropolitana de Belo Horizonte. E tinha como objetivo compreender como estudantes vivenciam a sua inserção na escola e, principalmente, sua participação nas aulas de Educação Física.

Buscou-se apreender em suas falas, por um lado, o movimento de constituição de si desses estudantes como sujeito de sua experiência em um contexto atravessado por estereótipos do sistema sexo-gênero a reiterar assujeitamentos e assimetrias entre os corpos; e, por outro lado, perceber como as aulas de Educação Física podem vir a ser um espaço em que persistem mecanismos de controle e, simultaneamente, ações de resistência com o intuito de tornar o seu cotidiano mais viável.

O texto, assim, está dividido em algumas seções: na primeira parte pretende-se contextualizar o debate e apresentar alguns conceitos chaves para a compreensão do problema enfrentando e tecendo algumas indicações bibliográficas importantes; na segunda parte, indica-se a metodologia e a incursão ao campo de pesquisa; e na terceira parte, os resultados e as discussões levantadas pela investigação que nos serve de conclusão.

A escolarização como dispositivo disciplinar

As instituições escolares e os sistemas nacionais de educação são uma invenção recente historicamente, consolidados no início do século XX, quando se imprime a configuração atual de um sistema educacional ofertado pelo estado-nação — e que se propõe público, gratuito, universal, laico e de matrícula obrigatória e compulsória —, sua origem, entretanto, segundo o texto “A Maquinaria Escolar”, de Julia Varela e Fernando Alvarez-Uria remonta ao século XVI:

De fato, a escola pública, gratuita e obrigatória foi instituída por Romanones em princípios do século XX convertendo os professores em funcionários do Estado e

adotando medidas concretas para tomar efetiva a aplicação da regulamentação que proibia o trabalho infantil antes dos dez anos. A escola nem sempre existiu; daí a necessidade de determinar suas condições históricas de existência no interior de nossa formação social.

Que caracteriza fundamentalmente esta instituição que ocupa o tempo e pretende imobilizar no espaço todas as crianças compreendidas entre seis e dezesseis anos? Na realidade esta maquinaria de governo da infância não apareceu de súbito, mas, ao invés disso, reuniu e instrumentalizou uma série de dispositivos que emergiram e se configuraram a partir do século XVI. (VARELA e ALVAREZ-URIA, 1992, 68-69)

Assim, a escola, emulando o funcionamento de uma máquina, possui uma engrenagem historicamente organizada com o intuito de constituir uma infância e uma adolescência afeita a uma ordem social capaz de imprimir docilidade e governo dos corpos impúberes.

Como nos diz Foucault, “Isso envolve todo um conjunto de objetivos, técnicas e métodos: **a disciplina reina nas escolas**, no exército, nas fábricas. Essas são técnicas de dominação de extrema racionalidade. (...) O poder da razão é um poder sangrento³.” (FOUCAULT, 1994a, p. 395). O que nos indica que as unidades escolares, nas quais reina a disciplina, assim como a fábrica, os hospitais e a prisão, “(...) têm como objetivo vincular o indivíduo a um processo de produção, treinamento ou correção de produtores. Trata-se de garantir a produção ou os produtores de acordo com uma determinada norma⁴.” (FOUCAULT, 1994b, p. 614)

Uma racionalidade a serviço da docilidade dos corpos e imposição de normas que incidem sobre os estudantes ao dizer de uma sexualidade considerada adequada e que se organiza a partir dos ditames das expectativas normativas que atravessam as escolas. E, segundo a hipótese repressiva foucaultiana, opera-se uma incitação discursiva em que se proliferam e intensificam as malhas do dispositivo da sexualidade a tornar os seres sexuados:

Seria inexacto dizer que a instituição pedagógica impôs um silêncio geral ao sexo das crianças e dos adolescentes. Pelo contrário, desde o século XVIII ela concentrou as formas do discurso neste tema; estabeleceu pontos de implantação diferentes; codificou os conteúdos e qualificou os locutores. Falar do sexo das crianças, fazer com que dele falem os

³ Tradução e negrito nossos do texto em francês, cotejado com a sua versão brasileira: “En releve tout un ensemble de finalités, de techniques, de méthodes: la discipline règne à l'école, à l'armée, à l'usine. Ce sont des techniques de domination d'une rationalité extrême. (...) Le pouvoir de la raison est un pouvoir sanglant.”

⁴ Tradução nossa do texto em francês, cotejado com a sua versão brasileira: “L'usine, l'école, la prison ou les hôpitaux ont pour objectif de lier l'individu à un processus de production, de formation ou de correction des producteurs. Il s'agit de garantir la production, ou les producteurs, en fonction d'une norme déterminée.”

educadores, os médicos, os administradores e os pais; ou, então, falar de sexo com as crianças, fazer falarem elas mesmas, encerrá-las numa teia de discursos que ora se dirigem a elas, ora falam delas, impondo-lhes conhecimentos canônicos ou formando, a partir delas, um saber que lhes escapa – tudo isso permite vincular a intensificação dos controles à multiplicação dos discursos. A partir do século XVIII, o sexo das crianças e dos adolescentes passou a ser um importante foco em torno do qual se construíram inúmeros dispositivos institucionais e estratégias discursivas (FOUCAULT, 1988, 31 e 32).

Assim, as unidades escolares tornam-se âmbito de controle a partir da multiplicidade de discursos em que se amealham posições alinhadas com as normas que erigem a sexualidade como um dispositivo disciplinador dos corpos. Um reino em que se dá a conhecer quais são os interlocutores valorados e quais as performances de gênero e sexualidade atendem ao sexo como poder soberano.

Os corpos e seu disciplinamento físico é um dos fulcros em que as normas do sistema sexo-gênero é engendrada na dinâmica escolar:

Do século XVI ao século XIX, assistimos ao desenvolvimento de toda uma série de técnicas para ensinar as pessoas a aprenderem e a se comportarem de uma determinada maneira, e a escola, simultaneamente, **tornou-se uma educação física**. Era cada vez mais necessário que os alunos se alinhasssem diante de um professor, que o diretor pudesse ver o tempo todo o que estava sendo feito, se estavam ou não distraídos, se estavam ouvindo, se estavam escrevendo o ditado; todo um processo de adestramento corporal⁵. (FOUCAULT, 1994a, p. 586)

Por isso, a institucionalização da educação física no currículo escolar faz parte dessas injunções discursivas de docilização dos corpos engendrados pelos dispositivos da escolarização dos impúberes.

A Educação Física escolar e o controle dos corpos

Na epígrafe do texto, retirada do livro “O Ateneu”, de Raul Pompéia, publicado em 1888, o protagonista, Sérgio, com onze anos em seu ingresso no colégio, descreve a “festa da educação física” em que há a apresentação de cerca de 300 alunos sobre a organização

⁵ Tradução e negrito nossos do texto em francês, cotejado com a sua versão brasileira: “Or on a vu depuis le XVI^e siècle se développer jusqu'au XIX^e siècle toute une série de techniques pour apprendre aux gens à se tenir, à se comporter d'une certaine manière, et l'école est devenue simultanément un dressage physique. On a de plus en plus exigé que les écoliers se mettent en rang, s'alignent devant un professeur, que le proviseur puisse regarder à chaque instant ce qui était en train de se faire, s'ils étaient distraits ou pas, s'ils écoutaient, s'ils écrivaient bien sous la dictée; tout un dressage corporel”.

“de Bataillard, o professor de ginástica”. A altivez do porte físico, a exemplar compostura e o vigor impresso aos movimentos caracterizam o que se espera de um corpo exemplar a ser adquirido pelos que lá ingressam e permanecem sob seus cuidados — essa cena compõe o primeiro capítulo quando Sérgio, ainda como um visitante, fica deslumbrado com a imagem veiculada pelo colégio e que, pouco a pouco, altera-se no decorrer da narrativa no qual se cumpre o vaticínio do pai: “Vais encontrar o mundo, disse-me meu pai à porta do Ateneu. Coragem para a luta”. (POMPÉIA, 1988, p.1)

Essa função meritória atribuída à escolarização, associado ao uso da educação física como uma estratégia de constituição de corpos físicos e moralmente saudáveis, emerge na fala de João da Matta Machado, mineiro de Diamantina, que, em 1874, defende uma tese na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro com o título “Da educação physica, intellectual e moral da mocidade no Rio de Janeiro da sua influência sobre a saúde” que diz:

A ginástica higiênica se compõe de uma série de movimentos, combinados entre si, de modo a fazer entrar em ação sucessivamente os mais importantes grupos musculares do tronco e dos membros; destes movimentos originam-se equilíbrios e posições diversas cuja execução demanda força, agilidade e destreza.

Assim compreendida, a ginástica é o mais poderoso meio de que pode lançar mão o higienista para conseguir todas as vantagens do exercício: sob sua influência os músculos se desenvolvem rapidamente, as forças duplicam, os movimentos tornam-se fácies, rápidos e elegantes, e em breve toda a economia participa de tão salutar influência, pois que rapidamente se manifestam os benefícios do exercício muscular. (MACHADO, 1874, P.54)

Ou seja, as prescrições médicas para a saúde e higiene das cidades atêm-se sobre as condições físicas, morais e intelectuais dos jovens e associam-se, portanto, à dinâmica pedagógica a que os colégios devem se ater como indicado no Ateneu. E não é fortuito de que a Reforma Couto Ferraz, de 1851, seja considerada o marco histórico em que se dá início a institucionalização da Educação Física Escolar no Brasil posto ser essa a primeira legislação, ainda no período imperial, que torna obrigatória a sua oferta nas escolas privadas da corte existentes no município do Rio de Janeiro. (LIMA, 2025)

Essa oferta mescla aspectos médicos, pedagógico e militares ao trazer ao proscênio o corpo moral e intelectualmente constituído a partir de um corpo edificado fisicamente através do uso da ginástica. O caráter higiênico e profilático dos vícios advindos dessa prescrição é acentuado nos desdobramentos sobre diversas faculdades que só podem ser experimentadas e adquiridas por certas modalidades de organização corporal. Aqui, a

divisão sexual e as perspectivas cisheteronormativas se apresentam como lugares de edificação do corpo são e moralmente correto.

Carlos Rodrigues de Vasconcelos, em “Higiene escolar, suas aplicações à cidade do Rio de Janeiro”, de 1888, citado por Jurandir Freie Costa, diz:

Os colégios, os internatos, as casas de educação são, não poder-se-á dissimular, focos de contágio moral que se estendem aos recém-admitidos de toda idade; e se o vínculo endêmico desses estabelecimentos poupa uma criança, ela não tarda a sucumbir às solicitações espontâneas dos órgãos genitais que se despertam e lhe criam um novo sentido. O **onanismo** reina como senhor entre a mocidade dos colégios e casa de educação. (...) Vínculo quase tão velho como o mundo, praticado por todos os povos da antiguidade histórica, nasce do isolamento ou da vida comum de indivíduos do mesmo sexo e de parentesco distinto. Ora é a **pederastia**, fazendo esgotar todas as energias funcionais pelo exercício de uma função que a novidade das sensações convida a pôr em prática, sujeitando os meninos às moléstias dependentes desta ordem de causas cujas consequências apresentar-se-ão mais cedo ou mais tarde. (VASCONCELOS, 10-13, apud COSTA, 1983, 191) (Grifos nossos)

O onanismo e a pederastia são sinais dessa degenerescência moral, intelectual e física a que os corpos estão submetidos no interior dos colégios e à espreita caso as forças civilizatórias do empreendimento da escolarização não venham vigilantemente a agir e sanar quaisquer dos índices que apontem esses desvios.

Entretanto, como nos alerta Foucault (1988, p. 91), “que lá onde há poder há resistência”.

As instituições escolares ou psiquiátricas com sua numerosa população, sua hierarquia, suas organizações espaciais e seu sistema de fiscalização constituem, ao lado da família, uma outra maneira de distribuir o jogo dos poderes e prazeres; porém, também indicam regiões de alta saturação sexual com espaços ou ritos privilegiados, como a sala de aula, o dormitório, a visita ou a consulta. Nelas são solicitadas e implantadas as formas de uma sexualidade não conjugal, não heterossexual, não monogâmica. (FOUCAULT, 1988, p. 46)

Ou seja, nas franjas da vigilância, “regiões de alta saturação sexual” são habitadas por expressões da sexualidade de uma outra ordem que mobilizam e contrariam as expectativas normativas depositadas sobre os corpos.

Em vários trechos do Ateneu, Raul Pompéia retrata a presença de meninos vistos como inviris cujo destino, caso não façam valer sua masculinidade, é de serem “dominados, festejados, pervertidos como meninas ao desamparo”. (POMPÉIA, 1984, p. 28). E a própria narrativa acompanha a formação de Sérgio, um adolescente frágil e pouco viril quando do

seu ingresso, e que diz acerca de sua aparência “eu notaria talvez que pouco a pouco me ia invadindo, como ele observara, a efeminação mórbida das escolas.” (POMPÉIA, 1984, p. 35). Assim como diz de seu colega Sanchez, de quem ele sentia uma “repugnância de gosma” (POMPÉIA, 1984, p. 38), como alguém descrito como “supinamente antipático: cara extensa, olhos rasos, mortos, de um pardo transparente, lábios úmidos, porejando baba, meiguice viscosa de crápula antigo” (POMPÉIA, 1984, p. 26).

O próprio Sérgio, entretanto, manifesta afeição por um Egbert, um outro menino, colega seu no Ateneu:

“[...] eu, deitado, esperava que ele dormisse para vê-lo dormir e acordava mais cedo para vê-lo acordar. Tudo que nos pertencia, era comum. Eu por mim positivamente adorava-o e o julgava perfeito. Era elegante, destro, trabalhador, generoso. Eu admirava-o, desde o coração, até a cor da pele e à correção das formas. [...] No recreio, éramos inseparáveis, complementares como duas condições recíprocas de existência” (POMPÉIA, 1984, p. 111-112).

O dormitório, uma “região de alta saturação sexual”, como nos diz Foucault, é o âmbito em que esse desejo se manifesta e, talvez, por se vê afastado o pavor da descompostura provocada pelo afeminamento, pode-se cobrir esse afeto de palavras como perfeito, elegante, destro, trabalhador, generoso, a formar “duas condições recíprocas de existência”.

Mesmo que não possamos nomear essa relação como uma relação homossexual, trata-se de uma atenção e cuidado que transpira homoafetividade e homoerotismo e que, no contexto do romance, indica laços afetivos entre homens que fazem valer possibilidades de reconhecimento de si e de sua subjetividade em meio a estereótipos e violências simbólicas nas quais essas experiências são nomeadas. Afinal, como nos diz Foucault, a resistência “nunca se encontra em posição de exterioridade em relação ao poder”. (1988, p. 91). E, sendo assim, os corpos efeminados, como o de Sanchez, também expressa resistência ao dizer de uma viabilidade de existir da dissidência sexual e de gênero.

PARTE II

O campo de pesquisa

A escola em que se realizou a pesquisa é também a que atuamos como professor de Educação Física. Trata-se de um equipamento escolar pertencente a Rede Estadual de

Ensino de Minas Gerais e atende majoritariamente alunos e alunas de famílias de baixa renda de um município vizinho a Belo Horizonte. Possui turmas de Ensino Fundamental II e Ensino Médio em tempo integral. E, atualmente, possui sete turmas com 172 alunos no total, conta com 23 professores e recebe do estado os materiais necessários para a condução das aulas de Educação Física, de acordo com a orientação do guia de referência anual.

O espaço escolar é um importante aliado na formação e inclusão da comunidade local. Possui uma infraestrutura que, apesar de limitada, busca atender às necessidades dos estudantes. A escola desempenha um papel central na socialização e no desenvolvimento dos jovens e, além disso, a diversidade cultural e social presente entre os alunos torna o ambiente escolar um reflexo da pluralidade da sociedade brasileira, o que enriquece as discussões sobre temas como gênero e identidade.

Foram selecionados dez alunos, incluindo meninas e meninos, estudantes do Ensino Médio, todos com idade entre quinze e dezessete anos. Sendo que quatro se identificaram como meninos e três como meninas heterossexuais, um como não-binário e duas meninas lésbicas.

A metodologia empregada

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas individuais, conduzidas de forma respeitosa, informada e confidencial. A entrevista foi estruturada para garantir que os participantes pudessem expressar livremente suas opiniões e experiências, sem pressões ou restrições e foram realizadas em um ambiente seguro e confortável, para promover a abertura e a sinceridade dos participantes.

Dois participantes optaram por responder às perguntas por meio de entrevistas gravadas, enquanto os demais preferiram responder individualmente por escrito. Essa abordagem diversificada buscou respeitar as preferências e o conforto dos alunos, garantindo uma representação ampla e significativa das diferentes experiências e perspectivas relacionadas ao gênero e à sexualidade.

Os textos escritos pelos estudantes e a transcrição das gravações foram examinados a partir da análise de discurso foucaultiana em que se concebe o discurso como uma prática social que não apenas representa a realidade, mas também a constitui. Diferente de abordagens tradicionais, Foucault vê o discurso como um sistema de regras e

práticas que determinam o que pode e não pode ser dito, pensado e conhecido em determinado contexto histórico e social.

Diz-nos:

Eu me dei como objeto uma análise do discurso, fora de qualquer formulação de ponto de vista. Meu programa não se fundamenta tampouco nos métodos da linguística. A noção de estrutura não tem nenhum sentido para mim. O que me interessa, no problema do discurso, é o fato de que alguém disse alguma coisa em um dado momento. Não é o sentido que eu busco evidenciar, mas a função que se pode atribuir uma vez que essa coisa foi dita naquele momento. Isto é o que eu chamo de acontecimento. Para mim, trata-se de considerar o discurso como uma série de acontecimentos, de estabelecer e descrever as relações que esses acontecimentos — que podemos chamar de acontecimentos discursivos — mantêm com outros acontecimentos que pertencem ao sistema econômico, ou ao campo político, ou às instituições. Considerando sob esse ângulo, o discurso não é nada além de um acontecimento como os outros, mesmo se, é claro, os acontecimentos discursivos têm, em relação aos outros acontecimentos, sua função específica. (FOUCAULT, 2010, p. 255-256).

E são esses acontecimentos que foram perseguidos por nós na realização das entrevistas.

Resultados

A tabela a seguir apresenta uma síntese dos resultados obtidos na pesquisa realizada com os dez estudantes que participaram responderam às questões propostas. As respostas foram organizadas de maneira a destacar as percepções, experiências e sugestões dos participantes em relação às normas de gênero e sua influência nas aulas de Educação Física. Essa análise reflete as principais tendências e desafios identificados durante o estudo.

Tabela 1: Perguntas e síntese das respostas dadas

PERGUNTAS	SÍNTESE DAS RESPOSTAS
Você se sente confortável em falar sobre sua sexualidade?	Sete responderam "Sim", três indicaram algum desconforto devido ao medo de julgamento.
Como foram suas experiências nas aulas de Educação Física ao longo da sua vida escolar?	Quatro relataram experiências positivas, destacando a socialização e seis mencionaram dificuldades devido à separação de meninos e meninas nas atividades.

Você sentiu que as normas de gênero influenciaram sua participação ou experiência nas aulas de Educação Física de alguma forma? Se sim, de que maneira?	Todos relataram que sim. As pessoas que se declararam meninas e lésbicas citaram serem desencorajadas em esportes como futebol; meninos mencionaram pressão para performar em atividades "competitivas"; o aluno não-binário sentiu dificuldade em encontrar um espaço de pertencimento.
Você percebeu alguma diferença na forma como meninos e meninas eram tratados ou encorajados nas atividades de Educação Física?	Seis apontaram que meninas eram menos incentivadas em esportes "tradicionalmente masculinos", enquanto os meninos recebiam menos apoio em atividades "não competitivas".
Você já se sentiu excluído ou discriminado nas aulas de Educação Física por causa de sua identidade de gênero ou orientação sexual?	Três responderam "Sim", relatando comentários ou situações que os deixaram desconfortáveis. Cinco disseram que não e dois reconheceram episódios de exclusão de colegas.
Quais são suas percepções sobre a representação de diferentes identidades de gênero e orientações sexuais nas atividades de Educação Física?	Seis afirmaram que a representatividade é insuficiente; quatro destacaram que a inclusão é percebida apenas em discursos, mas pouco aplicada nas práticas.
Que sugestões você teria para tornar as aulas de Educação Física mais inclusivas e sensíveis às diversidades de gênero e sexualidade?	As sugestões incluíram: misturar meninos e meninas em todas as atividades; criar espaços para diálogo sobre diversidade; e capacitar professores para lidar com questões de gênero e sexualidade.

Fonte: elaborado pelos pesquisadores

A pesquisa evidenciou como as normas de gênero moldam as experiências dos alunos nas aulas de Educação Física, muitas vezes limitando a participação inclusiva e reforçando estereótipos.

Os alunos demonstraram interesse em discutir questões relacionadas à identidade de gênero e sexualidade, mas parte deles expressou receios, refletindo o tabu que ainda cerca o tema em ambientes escolares. Esse desconforto reforça a importância de espaços seguros para o diálogo.

A separação das atividades nas aulas de educação física entre meninos e meninas foi apontada como uma barreira significativa. Meninas autodeclaradas lésbicas relataram serem desmotivadas em esportes considerados "masculinos", enquanto meninos enfrentaram pressões para se destacarem em atividades competitivas. E o aluno não-binário indicou dificuldades de integração em dinâmicas tradicionais.

Os participantes expressaram a percepção de que a representatividade de diferentes identidades de gênero e sexualidade é limitada, com práticas que muitas vezes ignoram as diversidades presentes na sala de aula.

Alguns alunos relataram episódios de exclusão e discriminação, que variaram de comentários preconceituosos a atitudes que restringiram sua participação.

À guisa de conclusão: discussões

Criar programas regulares de conscientização e rodas de conversa conduzidas por profissionais qualificados, como psicólogos escolares e especialistas em diversidade. Esses encontros podem abordar temas como identidade de gênero, sexualidade e respeito às diferenças, com ênfase em criar uma cultura escolar acolhedora.

Reestruturar a abordagem pedagógica das aulas, promovendo atividades mistas que valorizem a colaboração em vez da competição. Por exemplo, criar circuitos esportivos temáticos ou projetos interativos que desafiem os estereótipos de gênero, permitindo que todos os alunos participem de forma igualitária.

Incorporar referências culturais e históricas que representem diferentes identidades de gênero em atividades escolares, como biografias de atletas LGBTQIAPN+ ou debates sobre diversidade no esporte. Além disso, incluir momentos específicos para os alunos discutirem suas vivências e sugerirem melhorias para as dinâmicas escolares.

Estabelecer uma política escolar clara de tolerância zero contra discriminação, acompanhada de treinamentos regulares para toda a comunidade escolar sobre como identificar, denunciar e lidar com comportamentos discriminatórios. Criar um "comitê de inclusão", formado por alunos e professores, pode ser uma iniciativa eficaz para monitorar e avaliar continuamente essas questões.

Os alunos sugeriram práticas que podem tornar as aulas de Educação Física mais inclusivas e sensíveis às diversidades. Entre elas, destacaram-se a integração de meninos e meninas em todas as atividades, a promoção de diálogos sobre diversidade e a capacitação de educadores.

Desenvolver um plano anual de inclusão, com ações práticas como:

- Realização de palestras e oficinas sobre diversidade, ministradas por especialistas externos;
- Revisão dos conteúdos curriculares da Educação Física para incluir temas sobre

igualdade de gênero e respeito às diversidades;

- Incentivo à criação de espaços de *feedback*, como caixas de sugestões ou reuniões periódicas, onde os alunos possam compartilhar suas percepções sobre as práticas escolares.

Os resultados da pesquisa destacam a necessidade de um esforço coletivo para transformar o ambiente escolar em um espaço mais inclusivo e acolhedor. A implementação das sugestões propostas pode não apenas melhorar a experiência dos alunos, mas também contribuir para uma educação que valorize e celebre a diversidade. Com práticas pedagógicas atualizadas e políticas escolares efetivas, é possível desestruturar estereótipos e garantir que todos os estudantes tenham oportunidades iguais de participação e desenvolvimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem Médica e Norma Familiar**. Rio de Janeiro: Graal. 2^a ed. 1983, 282p.

FOUCAULT, Michel. A cena da Filosofia. In.: **Ditos e escritos VII**: arte, epistemologia, filosofia e história da medicina. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011, p. 222 — 247.

_____, Michel. **A história da Sexualidade**. Vol. 1: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal. 10^a ed., 1988. 152p

_____, Michel. **A tortura é a razão**. In.: Ditos e escritos VIII: segurança, seguridade e prisão. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011, p. 104 — 112.

_____, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. 'Rio de Janeiro: PUC: NAU, 1996. 158 p.

_____, Michel. **Diálogo sobre o poder** In.: Ditos e escritos IV: estratégia, poder-saber. 2^a ed, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 253 — 266.

_____, Michel. **La scène de la Philosophie**. In.: Dits et écrits: 1954-1988. Paris: Gallimard, vol. III-1976-1979, 1994a, p. 571 — 595.

_____, Michel. **La torture, c'est la raison**. In.: Dits et écrits: 1954-1988. Paris: Gallimard, vol. III-1976-1979, 1994a, p. 390 — 398.

_____, Michel. **La vérité et les formes juridiques**. In.: Dits et écrits: 1954-1988. Paris: Gallimard, vol. II-1970-1975, 1994b, p. 538 — 646.

POMPEIA, Raul. **O ateneu: crônica de saudades**. 8. ed. São Paulo: Ática, 1984, 150p.

LIMA, Rubens Rodrigues. **Para compreender a história da educação física**. Disponível em. <https://ojs.ufgd.edu.br/educacao/article/view/2241/1277>. Visualizado em 17 jul. de 2025.

MACHADO, João da Matta. **Da educação physica, intellectual e moral da mocidade no Rio de Janeiro da sua influência sobre a saúde.** Rio de Janeiro: Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro/UFRJ, 1874, 104p. (Tese disponível em: <https://bdor.sibi.ufrj.br/bitstream/doc/1238/1/616249.pdf>)

VARELA, Julia; ALVAREZ-URIA, Fernando. **A Maquinaria Escolar.** In.: Teoria e Educação: Porto Alegre: Pannonica Editora, nº. 6, 1992, p. 68-96.